

ROCHA, Manel Joaquim Moreira da – Arquitectura Religiosa Barroca em Braga.

Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património. Porto, vol. IX-XI, 2010-2012, pp. 331-373

Arquitectura religiosa barroca em Braga (Minho): entre a tradição e a modernidade¹

Manuel Joaquim Moreira da Rocha²

A História da Arte é um ramo das Ciências Humanas que se fundamenta na análise e na interpretação de factos.

Resumo: Cultura Arquitectónica do barroco português: centros e periferias – as escalas.

A cidade de Braga como epicentro: a noção de Corte. Os arcebispos como agentes de dois poderes (espiritual e político). A interação entre centro religioso e centro político do país (Braga/Lisboa).

A renovação urbana de Braga entre os séculos XVI a XVIII.

Compromissos de saberes. As construções arquitectónicas como evidência de perfis culturais. Os artistas e obras em análise diacrónica. Continuidades e/ou rupturas na arte de construir. As classificações artísticas. Expressões (estilos) da arquitectura religiosa bracarense nos séculos XVII e XVIII.

Os agentes do barroco bracarense: entre a tradição e a modernidade. A atração centrípeta de Braga: artistas do Porto; artistas locais; artistas galegos.

Questões específicas da arquitectura religiosa bracarense. As plantas centradas. A localização das torres sineiras. A legislação oficial e a tratadística.

Espaços, tempos, modas e cultura artística.

Palavras-Chave: Arquitectura Barroca Portuguesa. Centros e Periferias. Artistas E Clientelas.

Abstract: Braga city as epicenter: the court's notion. The archbishops as agents of two powers (spiritual and political). The interaction between religious center and the country's political centre (Braga/Lisbon).

Braga's urban renovation between the 16th and the 18th centuries.

Knowledge engagements. The architectural constructions as evidence of cultural profiles. The artists and works in continuing analysis. Continuities and/or ruptures in the art of building. The

¹ Este texto foi a base da Lição proferida, (em Setembro de 2008), no âmbito das Provas de Agregação (em História da Arte) no Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O júri foi constituído pela Diretora da Faculdade de Letras, em representação do Reitor da Universidade do Porto, Professora Doutora Fátima Marinho, e pelos catedráticos portugueses de História da Arte, Pedro Dias (Universidade de Coimbra), Vítor Serrão (Universidade de Lisboa), José Alberto Machado (Universidade de Évora), Natália Marinho Ferreira-Alves (Universidade do Porto), Joaquim Jaime Ferreira-Alves (Universidade do Porto).

² Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CITCEM.

artistic classifications. Expressions (styles) of Braga religious architecture in the 17th and 18th centuries.

Baroque agents: Braga between tradition and modernity. The centripetal attraction of Braga: Oporto's artists; local artists; Galician artists.

Braga specific issues of religious architecture. Centered plants. The bell-gable towers location. The official legislation and agreements.

Spaces, times, fashions and the artistic culture.

Keywords: Portuguese Baroque Architectural. Centers And Peripheries. Artists And Clienteles.

A arquitectura barroca em Portugal teve grande longevidade. Os primeiros ensaios balizam-se na segunda metade do século XVII. Ao lado da evolução das formas maneiristas, convive uma arquitectura “internacional”. Estas duas formas de produzir arquitectura barroca portuguesa persistem até finais do século XVIII. Portugal, na sua latitude, é um país periférico. Na Europa barroca, quando as centralidades gravitavam entre Roma e Paris, Portugal era periférico e acima de tudo, as suas idiossincrasias culturais manifestam-se e permanecem nas arquitecturas. Centros e as periferias, tradição e erudição, vanguardas formais

1. Braga na época moderna: definição da cidade e da corte religiosa

Em tempo de Contra reforma católica, a ancestralidade e primacialidade da Arquidiocese de Braga foram ingredientes superlativos para afirmação da Arquidiocese de Braga, como dos seus titulares, no contexto do protagonismo nacional, impondo-se como o **principal centro religioso do país**. O título de *Primaz das Hespanhas*, usufruído pelos arcebispos de Braga antes da fundação de Portugal, foi reafirmado por D. Geraldo, no tempo da formação e da autonomia de Portugal, e, posteriormente, nos intentos contra-reformistas que alimentavam a sociedade europeia e portuguesa, em paralelo com a desvinculação da coroa de Portugal da união ibérica filipina (1580-1640).

Braga corte religiosa

Numa sociedade fortemente hierarquizada, o Prelado bracarense com extensos poderes civil, político e religioso, apresenta-se como a figura de topo da estrutura social bracarense.

Senhores absolutos de uma imensidão territorial que definia os contornos geográficos da arquidiocese, os arcebispos de Braga impõem-se ao país como garante da **militância tridentina** que a **Igreja portuguesa, ao lado do poder político**, assumia como estratégia religiosa e cultural.

Braga define-se, na Época Moderna, como a **Corte Religiosa do País**. Os seus Prelados ao serem príncipes da igreja assumem também a craveira de

príncipes cortesãos. A nobreza da linhagem é corroborada pelo prestígio dos cargos públicos que desempenham – **Poder Religioso e Poder Temporal**.

Na carta/resposta de D. Diogo de Sousa ao convite do rei (D. João III) para ocupar o cargo de bispo de Lisboa, o arcebispo esclarece como encontrou a cidade:

“eu achei esta de barro e sem templos nem gemte nem edeficios e agora a tenho feyta asy de edeficios pubricos como privados com acrecentamento de muito povo e numero de mercadores e tracto e ofeciaees das milhores cousas do reyno. E quanto a esta See e edeficios dela e asy prata e ornamentos que nela fiz e pus sey que estaa muy deferemçada de totalas outras (...) posto que os prelados do Reyno se posam chamar prelados, os arcebispos de Braga sam prelados e senhores” (*Carta de D. Diogo de Sousa a D. João III – 1524*).

Em pleno clima do renascimento europeu, D. Diogo de Sousa clarifica o papel da Arquidiocese de Braga e do seu arcebispo no contexto português.

Arcebispo de Braga Senhor da Cidade do temporal e do religioso

Desde o século XVI que Braga era ponto de passagem de artistas estrangeiros – “estaleiro de modernidade”.

Artistas estrangeiros como João de Castilho ou João de Ruão marcaram a sua presença na cidade de Braga de D. Diogo de Sousa, ou do Renascimento. Daqui, da obra de renovação da capela-mor da Sé Catedral de Braga, seguiu João de Castilho um caminho em direcção ao sul, “vindo a ser, quer no tempo de D. Manuel, quer no tempo de D. João III, o mestre de maior confiança destes monarcas”, cujo trajecto artístico foi bem definido por Pedro Dias.

1.1. Clientelas artísticas: os arcebispos do século XVI ao século XVIII

O perfil e percurso dos titulares da cadeira primacial ajuda ao posicionamento da importância de Braga no contexto português.

1505-1532 – D. Diogo de Sousa. De Roma para o Porto e Braga. Formação humanista. Embaixador de D. Manuel I. Modernização urbana de Braga. Reconstrução da capela-mor da Sé e colocação dos túmulos dos fundadores de Portugal. Construção da igreja de Nossa Senhora a Branca e da capela de Santa Ana, no Campo de Santa Ana.

1533-1540 – D. Henrique. Nobreza real, filho de D. Manuel I. Reorganização dos Estudos Públicos.

1540-1541 – D. Fr. Diogo da Silva. Primeiro inquisidor Geral (1536). Morte súbita.

1542-1543 – D. Duarte. Nobreza real, filho de D. João III. Junção da administração temporal e eclesiástica do Arcebispado de Braga. Morte súbita.

1545-1549 – D. Manuel de Sousa. De Silves para Braga. Início do Concílio de Trento. Sínodo diocesano em 1546. Fundação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios. Construção da Casa da Relação anexa ao Paço Arcebispal.

1550-1558 – D. Fr. Baltazar Limpo. Do Porto para Braga. Trasladação das relíquias de S. Pedro, de Rates para a Sé de Braga. Reorganização dos Estudos Públicos do Colégio de S. Paulo.

1559-1582 – D. Frei Bartolomeu dos Mártires. De Lisboa para Braga. Formação monástica. Participação no Concílio de Trento. Reafirma o poder o arcebispal frente ao poder central.

1582-1587 – D. João Afonso de Menezes. Nomeado por Filipe I de Portugal. Ligação ao poder político – União Ibérica.

1588-1609 – D. Frei Agostinho de Jesus. De Lisboa para Braga. Formação monástica. Elabora as Constituições Sinodais que seriam publicadas em 1697. Nova sagração da Sé de Braga. Fundação do Convento Pópulo.

1609-1612 – Sede Vacante.

1612-1617 – D. Frei Aleixo de Menezes. Nobre. De Lisboa para Braga. Formação monástica. Em 1613 retira-se para Madrid. Ligação política – União Ibérica.

1617-1619 – Sede Vacante.

1619-1626 – D. Afonso Furtado de Mendonça. De Lisboa para Braga. Reitor da Universidade de Coimbra. Governador das Armas do Minho.

Fundação do Convento da Conceição (origem espanhola). Nomeado Arcebispo de Lisboa. Governador do Reino.

1627 – 1636 – D. Rodrigo da Cunha. De Lisboa para o Porto e para Braga. Inquisidor. Oposição ao domínio espanhol. Arcebispo de Lisboa. Ligação à causa nacionalista.

1636-1641 – D. Sebastião de Matos Noronha. De Madrid para Braga. Promove conspiração contra D. João IV. Prisão do prelado.

1641-1671 – Sede Vacante.

1671-1677 – D. Veríssimo de Lencastre. De Lisboa para Braga. Sumilher da Cortina de D. Pedro II. Inquisidor Geral. Cardeal.

1677-1690 – D. Luís de Sousa. Nobre. De Sesimbra para Braga. Bispo de Lamego. Arcebispo de Braga. Funda a igreja de S. Victor e promove a Congregação do Oratório.

1690-1692 – Sede Vacante.

1692-1696 – D. José de Menezes. Nobre. De Lisboa para Braga. Promove a construção do Convento dos Carmelitas.

1696-1703 – D. João de Sousa. De Lisboa para Braga e daqui para Lisboa. De Bispo do Porto a Arcebispo de Braga. Publicação das Constituições Sinodais. “Arcebispo e Senhor de Braga”.

1704-1728 – D. Rodrigo de Moura Teles. De Lisboa para Braga. Reitor da Universidade de Coimbra. Fundação de Conventos. Reedificação do Bom Jesus. Sínodo.

1728- 1741 – Sede Vacante.

1741-1756 – D. José de Bragança. De Lisboa para Braga. Nobreza real. Reorganização administrativa do arcebispado de Braga.

1756-1758 – Sede Vacante.

1758-1789 – D. Gaspar de Bragança. De Lisboa para Braga. Nobreza real. Processo dos Jesuítas.

2. Clientes, artistas e obras – uma visão global da Braga barroca

No período convencionado pela denominação de barroco constatamos na arquitectura de Braga, alguns casos que podem ser esclarecedores da

cultura artística portuguesa e de uma forma mais directa, da especificidade da arquitectura religiosa da corte primacial do país.

1. Os tempos novos, no plano artístico, começam a definir-se com a acção de D. Luís de Sousa. Depois de uma longa estadia em Roma como embaixador de Portugal junto da Santa Sé, de ter sido nomeado bispo de Lamego, é-lhe incumbido o governo da arquidiocese de Braga. Em Roma viveu, durante anos, o clima cultural do barroco. Durante o seu governo da cidade e da arquidiocese enceta duas obras emblemáticas:
 - a) A fundação da igreja de S. Victor;
 - b) A autorização para a implantação dos religiosos da Congregação de S. Filipe de Nery.

Para construção da igreja de S. Victor recorre ao labor dos engenheiros militares radicados em Viana do Castelo. De Miguel Lescole, engenheiro militar, é o projecto do novo templo.

A igreja de S. Victor é considerada pela historiografia mais recente da arte portuguesa como maneirista, protobarroco ou até barroca.

2. No último quartel do século XVII, a produção arquitectónica bracarense é invadida por artistas oriundos do Porto. No momento em que Portugal respira tranquilidade política – depois de resolvido o processo da Restauração em 1668 – e de algum desafogo económico, justificado pelas descobertas auríferas no Brasil, instalam-se em Braga gerações de artistas da arte de construir que parecem dominar os principais estaleiros da cidade dos arcebispos. A sua acção prolonga-se predominantemente pelo primeiro terço do século XVIII.

O Porto e arredores fornecem esse manancial de artistas que vão timbrar a arquitectura bracarense por mais de quarenta anos.

Com a vinda deste escol de artistas do Porto várias conclusões factuais se retiram da análise da documentação:

- a) Ou os artistas locais eram insuficientes para o desenvolvimento do movimento construtivo que a cidade começava a gizar;
- b) Ou a cidade do Porto possuía um excesso de especialistas da arte de construir, obrigando à migração de artistas para outros pólos mais dinâmicos;

- c) Ou a capacidade técnica e artística dos artistas bracarenses não era considerada satisfatória para dar resposta aos novos desafios da cultura arquitectónica;
 - d) Ou os artistas portuenses não conseguiam singrar, sobreviver e competir com a renovação arquitectónica que se detecta no Porto em finais do século XVII e primeira metade do século seguinte, procurando os centros urbanos nos quais a mão-de-obra era deficitária.
3. Duas ações são sintomáticas no pontificado de D. Luís de Sousa de uma mudança cultural que merece enquadramento à luz do protagonismo de Braga no contexto religioso nacional:
- a) A instalação dos Oratorianos no Campo de Santa Ana;
 - b) A fundação, do erário pessoal do arcebispo da igreja de S. Victor. – Um santo mártir bracarense do séc. IV.
 - Enquadramento de S. Victor no contexto arquitectónico de Braga.
 - Artes de interior – o programa azulejar de Gabriel Del Barco.
4. Efémera, porém esclarecedora do desenvolvimento da arte religiosa polarizada pela Sé Primacial é a acção de D. João de Sousa. Para as obras que promove no principal estaleiro da cidade – a Sé Catedral – socorre-se do arquitecto mais representativo em Portugal, na segunda metade do século XVII, João Antunes. Ao arquitecto régio, encomenda D. João de Sousa o projecto para a construção da nova sacristia e casa do Tesouro da Sé de Braga. A modernidade da arquitectura portuguesa impõe-se em Braga em obra de vulto.
- a) Os construtores desse projeto foram os artistas portuenses – Pascoal Fernandes e Manuel Fernandes da Silva.
 - b) Quando promove a construção do Bom Jesus de Barcelos, coloca lado a lado a mestria de João Antunes, arquitecto régio, com a do mestre pedreiro e arquitecto Manuel Fernandes da Silva. No total apresentam cinco projectos todos de planta centrada.
 - c) A inovação arquetónica pelo plano centralizado, havia-se auscultado em Braga pela primeira vez no ano de 1693, quando a

Irmandade de Santa Madalena do Monte constrói novo templo no cimo do Monte da Falperra. Sintoma claro dos tempos de mudança.

5. No dilatado período de governo de D. Rodrigo de Moura Teles, em Braga, como corte religiosa do país, encontra-se um clima de grande vitalidade, tanto religiosa como artística, polarizada na figura do arcebispo.

As pontes entre o pontificado de D. Diogo de Sousa e o de Moura Teles traduzem um natural entendimento diacrónico do fenómeno religioso.

A fundação de conventos femininos – S. Bento de Barcelos no ano de 1707; Nossa Senhora da Conceição de Chaves, no ano de 1716; Madre de Deus, em Guimarães, no ano de 1716; Nossa Senhora da Penha de França, no Campo de Santa Ana em Braga, no ano de 1720; a criação de Recolhimentos para Convertidas, de que é exemplo Santa Maria Madalena, fundado no Campo de Santa Ana no ano de 1722 – é uma pequena amostra da dinâmica construtiva e renovadora que D. Rodrigo de Moura Teles incutiu ao Arcebispado de Braga.

Na cidade renovaram-se e ampliaram-se os templos tanto no domínio arquitectónico, como nas artes de interior. Seguindo o processo que caracteriza o barroco português, assiste-se à formação de interiores onde a arte da talha, a azulejaria figurativa e a pintura, se associam transformando esses espaços em ambientes onde a cumplicidade das artes nos permite falar em Barroco Total.

As obras encetadas no Paço Arcebispal, no qual se construiu uma capela de planta centrada, juntamente com a construção da escadaria de aparato que permite o acesso público aos serviços protagonizados pela cúria diocesana, são tradutores da importância que o arcebispo conferiu à arquitetura.

Uma arquitectura depurada – austera – com interiores requintados pela articulação das várias artes.

A divisa que mandou colocar sobre a porta principal do palácio, é o epíteto da sua acção:

O DOMVS AMTIQUA QVAM DISPARI DOMINO DOMINARIS ANNO D: 1709. (Ó Casa Antiga que serás dominada por tão diferente senhor. Cícero – *De Officiis, Livro I*).

A reconstrução do Santuário do Bom Jesus de Braga, no qual constrói um templo de planta centrada, resume a papel que a arquitetura desempenhou como símbolo de poder.

6. Com a morte de D. Rodrigo de Moura Teles em 1728, criam-se as condições para o desenvolvimento de um novo clima artístico na cidade de Braga.

O marco dessa mudança na arquitectura religiosa é assinalado com a rejeição dos projectos de Manuel Fernandes da Silva e o de Manuel Pinto de Vilalobos para o arranjo da fachada da igreja de Santa Cruz e remate das torres sineiras. É o projecto de um italiano, que se vinha impondo no meio bracarense como pintor, que apresenta risco para o remate da fachada e torres da igreja que a Irmandade aprova – Carlos Leone. Os dois homens da velha guarda – a linha tradicional/classicizante – já não oferecem resposta à vanguarda da cultura artística da cidade primacial. Na talha é demonstrativo o papel de Miguel Francisco da Silva, lisboeta radicado no Porto, quando em 1737 é chamado para riscar o cadeiral dos Cónegos na Sé Primacial. Paralelamente fazem-se os dois monumentais órgãos da Sé.

7. Na década de quarenta a cadeira primacial é ocupada por sangue real: D. José de Bragança. Para além dos inúmeros diferendos que trava com o Cabido, artisticamente os tempos eram de mudança, assumindo-se em Braga o que se vinha desenhando, artisticamente no Porto, e em última análise a cultura artística que era promovida pela corte régia, concretamente por D. João V.

As obras que D. José de Bragança promoveu no Paço, na ala voltada para o Campo de Touros “n’uma architectura esbelta, estylo rocaille (D. JoãoV)” traduzem a influência que gravura francesa e alemã exerciam já sobre o clientela mais erudita. São tempos de novas gramáticas decorativas.

A construção da Casa da Câmara, dianteira ao Paço Arcebispal, é o melhor símbolo da mudança artística que se operara na cultura artística bracarense. A pedra de armas do Arcebispo talhada por pedreiros galegos, conferem-lhe ainda o título de Senhor dos dois poderes.

No meio artístico bracarense e da arquidiocese granjeava fama André Ribeiro Soares da Silva como “amador de arquitecto”.

A fachada da Falperra, ao lado de outras obras encetadas para renovação da imagem externa de velhas estruturas religiosas é tradutora de uma arquitectura de vanguarda. Associado ao seu nome um edifício de planta centrada: a igreja de N^a Sr.^a da Lapa em Arcos de Valdevez.

8. A expulsão dos Jesuítas, sinal das mudanças culturais norteadas pelo Iluminismo, é a pedra de toque do governo de D. Gaspar de Bragança, irmão do rei de Portugal.

A arquitectura de Braga continua dominada durante a década de sessenta pela vanguarda imposta por André Soares. O seu traço vigoroso vai-se espalhando por outras cidades e vilas da Arquidiocese, numa ambivalência entre projecto arquitectónico e risco para a arte da madeira.

As obras mais emblemáticas deste ciclo são as intervenções no Santuário do Bom Jesus de Braga e reconstrução da fachada dos Oratorianos.

Impõe-se uma aproximação ao trabalho desenvolvido pela família dos mestres pedreiros Sarela, em Santiago de Compostela.

Segue-se a transição entre os ensaios de decoração rococó, e a definição de uma roupagem mais depurada de tendência classicizante. A fachada do Convento Pópulo, ou do Hospital de S. Marcos, desenham-se numa ambiguidade entre modernidade e tradição. O seu mentor é Carlos Amarante, cuja obra mais pura – neoclássica – foi concebida para satisfazer uma encomenda de D. Gaspar de Bragança: a nova igreja do Bom Jesus. Acompanhado pelo arcebispo, vai o arquitecto-engenheiro e o mestre pedreiro Paulo Vidal, que acompanhou de perto os trabalhos de André Soares, escolher o novo sítio para construção do templo.

As passagens de testemunho. As continuidades sem rupturas.

No ano de 1789 morria D. Gaspar de Bragança. A montagem do seu aparato fúnebre – a arte efémera – seria realizado na Sé de Braga numa montagem do artista da modernidade – Carlos Amarante – e numa encenação sobejamente implantada no clima cultural artístico barroco.

3. Barroco e Rococó em Braga: artistas endógenos e exógenos

Para a definição das linguagens arquitectónicas que se desenvolvem em Braga, durante o período convencionado de barroco, procedeu-se a uma análise factual dos elementos registados nas actas notariais. Cruzou-se essa informação com as obras que ainda subsistem para extrair conclusões.

Da análise dos contratos de obras de pedraria registados entre 1680 e 1800, teve-se em conta a **importância do estaleiro (a geo-referência do objecto)**, a **quantidade de contratos** registados por artista, e a **proveniência dos artistas associados ao objecto**. Tendo em conta esses parâmetros apuraram-se os dados factuais que se apresentam nas tabelas seguintes e traduzem uma selecção do investigador.

3.1. Os produtores da obra arquitectónica, 1680-1800

Para a produção do objecto artístico é importante o perfil do encomendador. É igualmente relevante o artista que executa o projecto. Para a definição da cultura artística bracarense colocou-se em confronto a relevância dos artistas locais e dos artistas provenientes de fora da região dominada pela arquidiocese.

3.1.1. Artistas oriundos do Porto

ARTISTAS DE PROVENIÊNCIA DO PORTO		
DATA	ARTISTA	OBRA
1690	Domingos Moreira, Mestre de S. Victor; Manuel da Costa; António da Costa; João da Costa;	Igreja de S. Victor.
1691	Pascoal Fernandes "Assistente nas obras de S. Victor e outras"	Torre de S. Victor e fachada.
1691	Domingos Moreira	Torre da Igreja de S. Gonçalo de Amarante.
1692	Pascoal Fernandes	Torre do Colégio de S. Paulo.
1693	Pascoal Fernandes	Construção de 2ª torre na igreja de Santa Cruz.
1696	Domingos Moreira	Capela da Falperra.

ARTISTAS DE PROVENIÊNCIA DO PORTO		
DATA	ARTISTA	OBRA
1697	Pascoal Fernandes	Construção de Capela particular na Quinta dos Cônegos.
1698	Pascoal Fernandes e Manuel Fernandes da Silva	Sacristia da Sé de Braga, segundo projecto de João Antunes .
1702	Pascoal Fernandes e Manuel Fernandes da Silva	Obras na igreja dos Terceiros de S. Francisco substituindo Domingos Moreira.
1703	Manuel Nogueira Cunhado de Domingos Moreira	Igreja dos Terceiros de S. Francisco.
1703	Pascoal Fernandes	Casa particular.
1703	Pascoal Fernandes	Casa particular.
1706	Pascoal Fernandes e Manuel Fernandes da Silva	Casa do Tesouro da Sé de Braga. Projecto de João Antunes .
1706	Pascoal Fernandes e Manuel Fernandes da Silva	Claustro do Convento do Pópulo.
1706	Manuel Nogueira	Casa Particular. Autor do Projecto.
1710	Manuel Nogueira	Fachada da Igreja dos Terceiros de S. Francisco.
1710	Pascoal Fernandes	Igreja do Bom Jesus de Fão.
1712	Estêvão Moreira	Capela-mor da Igreja de S. Martinho do Campo, anexa à Sé Catedral.
1713	Manuel Nogueira	Remate da fachada dos Terceiros de S. Francisco. "Na forma da planta que se mostrou".
1715	Pascoal Fernandes	Dormitório do Colégio de S. Paulo. Fiador: Manuel Fernandes da Silva.
1715	José Moreira António Moreira Jacinto Moreira	Coro da igreja dos Terceiros de S. Francisco.
1720	Pascoal Fernandes e Manuel Fernandes da Silva	Hospital de S. Marcos. Enfermaria e claustro.
1724	Estêvão Moreira	Obras na Falperra.
1725	Estêvão Moreira Manuel Rebelo (irmão)	Obras no Convento de N. Srª de França. Encomenda do Arcebispo.
1729	Estêvão Moreira. Ao seu lado trabalham dois artistas do Porto e dois de Braga	Obras na Falperra.
1729	Estêvão Moreira	Casa particular.
1730	Manuel Luís	Igreja dos Congregados.
1730	Inácio de Matos	Igreja dos Congregados.
1731	Inácio de Matos	Casa Particular.
1732	Inácio de Matos	Casa Particular.
1733	Manuel Luís	Convento dos Remédios.
1734	Francisco Alves o França	Obras na igreja de Santa Cruz.
1737	José da Silva Matos	Igreja da Póvoa de Varzim.
1752	José da Silva Matos	Reconstrução do Paço Arcebispal.
1767	Narciso Garcia	Obras na Falperra.

3.1.2. Artistas oriundos do Porto. Um caso singular

Dos artistas provenientes da cidade do Porto, há um que se destaca pela quantidade de obras religiosas empreendidas e registadas nas actas notariais. A proximidade com o encomendante – arcebispo – é o mais cabal justificativo do seu protagonismo construtivo no primeiro terço do século XVIII.

Manuel Fernandes da Silva, filho de Pascoal Fernandes aparece como figura de proa na arquitectura religiosa bracarense, a partir de finais do século XVII.

A ACTUAÇÃO MANUEL FERNANDES DA SILVA NA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
CRONOLOGIA	OBRA
1693	Arrematação de uma torre na fachada da igreja de Santa Cruz.
1698	Construção da sacristia da Sé de Braga, segundo projecto de João Antunes .
1699	Substituição dos mestres que vinham construindo a igreja da Falperra.
1701	Apresentação de três projectos para a igreja do Bom Jesus de Barcelos. Planta centrada .
1701-1703	Vistoria das obras no convento de S. Francisco de Monção.
1702	Vistoria de obras no convento do Salvador de Braga.
1703	Ao lado do Padre Pantaleão da Rocha, participa na vistoria das torres da Sé de Braga.
1703	Continuação das obras dos Terceiros de S. Francisco (em substituição).
1703	Vistoria de obras no convento do Salvador de Braga.
1703	Arremata a construção da igreja da Congregação do Oratório de Braga.
1704	Continuação das obras da Falperra.
1706	Trabalha na construção do claustro do Convento do Pópulo de Braga.
1706	Trabalha no Hospital de S. Marcos.
1706	Constrói a capela de Santo António Esquecido. Planta centrada .
1707	Fornece risco para a igreja dos Terceiros de S. Francisco. (em substituição).
1707	Reconstrução da capela da Santíssima Trindade da Sé.
1710	Projecto da Capela de Bom Jesus de Fão.
1713	Obras várias na Sé.
1715	Construção da capela de S. Sebastião das Carvalheiras. Planta Centrada .
1717	Conclusão da fachada da igreja de S. Vicente. Projecto de Frei Luís de S. José.
1718	Construção da capela de Nossa Senhora de Guadalupe. Planta centrada .
1719	Arranjos na igreja de S. Martinho de Rio Mau. Torre sineira traseira .
1719-1720	Orientação e arrematação das obras de transformação do Recolhimento, Convento de N ^a Sr. ^a da Penha de França.
1720	Obras várias no Hospital de S. Marcos: claustro, cozinhas, dormitório. Projecto de Manuel de Pinto de Vilalobos .
1723	Projecto da torre sineira da igreja dos Terceiros de S. Francisco. Torre sineira traseira .
1723	Projecto para as torres da Sé de Braga.
1728-1729	Mestre das obras do convento de N ^a Sr. ^a da Conceição.

A ACTUAÇÃO MANUEL FERNANDES DA SILVA NA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
CRONOLOGIA	OBRA
1730-1732	Mestre das obras da igreja de Santa Cruz. Fornece projecto para a fachada incluindo torres.
1733-1734	Obras várias em Tibães.
1742-1743	Risco para melhorias a realizar no Bom Jesus de Fão.
1742-1751	Mestre das obras da igreja Matriz da Póvoa do Varzim.

3.1.3. A actividade dos artistas de Braga

Nestes quadros tem-se em conta a actividade desenvolvida por profissionais da arte de construir naturais de Braga. Consideram-se duas gerações: a primeira que se dilata de finais do século XVII a até final dos anos trinta do século XVIII e a segunda que exerce a sua actividade a partir dos anos quarenta até final do século XVIII.

3.1.3.1. A primeira geração

ARTISTAS NATURAIS DE BRAGA: A PRIMEIRA GERAÇÃO		
DATA	ARTISTA	OBRA
1701	André Ferreira	Casa particular.
1704	André Ferreira	Casa particular.
1712	André Ferreira	Calcetamento de rua.
1711	Domingos Gonçalves Saganho	Casa particular.
1712	Domingos Gonçalves Saganho	Casa da Fábrica da Sé.
1717	Domingos Gonçalves Saganho	Casa particular.
1720	António Oliveira	Casa particular.
1721	António Oliveira	Reconstrução da torre da igreja de S. Paulo. N ^a Sr. ^a da Torre.
1721	Domingos Gonçalves Saganho	Casa Particular.
1723	Domingos Gonçalves Saganho	Congregados – Corredor.
1723	Domingos Gonçalves Saganho	Torre dos Terceiros de S. Francisco.
1725	Domingos Gonçalves Saganho	Capela-mor dos Terceiros de S. Francisco
1731	João Ferreira	Casa particular. Projecto de Frei Luís de S. José.
1733	João da Costa	Casa Nobre – Rua dos Biscainhos.
1735	Domingos Gonçalves Saganho. Parceria com João da Costa	Capela de Santo Ovídio de Caldelas.
1738	João da Costa	Aqueduto.
1738	José Pereira	Aqueduto.
1738	António Oliveira	Pátio da igreja de Santa Cruz.
1738	António Oliveira	Torre sineira do Convento do

ARTISTAS NATURAIS DE BRAGA: A PRIMEIRA GERAÇÃO		
DATA	ARTISTA	OBRA
		Salvador.
1742	José Ribeiro Lago Fiador: João da Costa	Torre sineira da igreja de S. Vicente.
1743	João Costa	Igreja de N ^a Sr. ^a a Branca.
1744	João Costa	Irmandade de S. Francisco – Casa de Reuniões.
1751	João Costa	Igreja do Hospício de Santo António.
1761	João Costa	Casa Particular.

3.1.3.2. A segunda geração

Tendo em conta os artistas naturais de Braga, atendeu-se à influência que foi exercida pelos artistas oriundos do Porto. Considerou-se segunda geração, porque a actividade desenvolvida por estes profissionais transmite a influência dos artistas provenientes do Porto.

ARTISTAS NATURAIS DE BRAGA: A SEGUNDA GERAÇÃO – 1740 – 1800		
DATA	ARTISTA	OBRA
1742	Diogo Soares	Chafariz das Chagas – Bom Jesus.
1743	Diogo Soares	Chafariz – Colégio de S. Paulo
1747	Ambrósio dos Santos	Santuário do Bom Jesus. Construção da primeira capela do Terreiro dos Evangelistas. O artista “lavrou a esquadria”.
1749-1750	Diogo Soares	Pagamento de plantas feitas para o Bom Jesus.
1750-1751	Ambrósio Santos	Santuário do Bom Jesus. Plintos para as esculturas do Terreiro dos Evangelistas.
1752	Diogo Soares	Fachada da Igreja da Falperra.
1752	Diogo Soares	Mestre-de-obras da capela-mor da igreja de Santa Cruz.
1754	Diogo Soares	Apontamentos para a Casa da Câmara de Braga. Projecto de André Soares.
1754	Francisco Mendes	Casa da Câmara de Braga. Trabalha sob a direcção de Diogo Soares.
1755	Diogo Soares	Bom Jesus de Braga.
1756	Francisco Mendes	Capela de N ^a Sr. ^a da Torre. Projecto de André Soares (?)
1757	Francisco Mendes	Trabalha no Hospital de S. Marcos.
1759	Francisco Mendes	Construção da igreja de S. Tiago de Algeriz.
1759	Francisco Mendes	Construção da igreja de Mogege-Famalicão

ARTISTAS NATURAIS DE BRAGA: A SEGUNDA GERAÇÃO – 1740 – 1800		
DATA	ARTISTA	OBRA
1760	Miguel Pereira de Carvalho	Igreja de Santa Eulália de Crespos.
1760-1765	Ambrósio Santos José de Sousa Custódio Luís Soares	Santuário do Bom Jesus. Quatro chafarizes do Terreiro dos Evangelistas.
1761-1765	Paulo Vidal	Fachada dos Congregados. Projecto de André Soares (?)
1762-1765	Paulo Vidal	Santuário do Bom Jesus. Construção da cúpula de uma capela do Terreiro dos Evangelistas.
1763	Paulo Vidal	Peritagem das abóbadas da Falperra.
1767-1768	Diogo Soares	Dirige a construção do claustro do Mosteiro de Tibães.
1769	Miguel Pereira de Carvalho	Igreja dos Santos Passos de Guimarães – Projecto de André Soares. Perito Diogo Soares.
1770	Francisco Tomás da Mota	Hospital de S. Marcos.
1770	Francisco Tomás Correia	Capela-mor da igreja do Bom Jesus do Monte.
1770	Francisco Tomás Correia	Obras na Misericórdia.
1772	Francisco Tomás Correia	Arco da Porta Nova.
1773	Paulo Vidal Ambrósio Santos	Vistoria do Arco da Porta Nova.
1780	Paulo Vidal	Apontamentos para obras a realizar na igreja de Sezures – Famalicão.
1781	Paulo Vidal	Juntamente com o Arcebispo D. Gaspar de Bragança e o Arquitecto Carlos Amarante, escolhe o sítio para construção da nova igreja do Santuário do Bom Jesus.
1782	Francisco Tomás da Mota	Casa Particular.
1782	Francisco Tomás da Mota	Santuário do Bom Jesus.
1782	Francisco Tomás da Mota	Casa particular.
1782	Francisco Tomás da Mota	Casa particular.
1783	Francisco Tomás da Mota	Santuário do Bom Jesus.
1788	José Crespo	Hospital de S. Marcos.
1789	José Crespo	Igreja de Covelhe. Encomenda da Patriarcal e Universidade de Coimbra.

3.1.4. Artistas estrangeiros: os galegos

A partir dos anos quarenta do século XVIII a arquitectura bracarense acusa a presença continuada de artistas galegos.

ARTISTAS ESTRANGEIROS: OS GALEGOS		
DATA	ARTISTA	OBRA
1718	Jacinto de Moldes	Casa particular.
1746	António Passos	(Casa-se em Braga).
1747	Jacob Galego	Bom Jesus.
1749	Francisco de Castro	Casa particular.
1749	Pedro Ribas	Casa particular.
1749	Pascoal Valeia	Residência paroquial em Valpaços. Obra da Mitra.
1756	Cristóvão José Farto	Casa da Câmara. Projecto de André Soares.
1756	Cristóvão José Farto; António Ferreira (natural de Braga)	Santuário do Bom Jesus. Capela da Aparição no Terreiro dos Evangelistas. Projecto de André Soares (?)
1756	João Gracias	Capela de N ^a Sr. ^a do Ó e S. Miguel.
1757	Cristóvão António Farto	Capela de N ^a Sr. ^a da Torre. Substitui Francisco Mendes.
1758	Cristóvão José Farto	Falperra. Projecto de André Soares.
1759	Domingos Fernandes	Hospital de S. Marcos.
1759	Francisco Mora	Hospital de S. Marcos.
1759	Vicente de Carvalho; Pedro António Lourenço; Sebastião de Vila Verde	Fazem sociedade para arrematações de obra de pedraria.
1759	Sebastião de Vila Verde; Estevão Vidal	Casa particular em Guimarães.
1760	João Gracias	Intervenção na Capela de Guadalupe.
1760	Cristóvão José Farto	Santuário do Bom Jesus, Capela no Terreiro dos Evangelistas. Projecto de André Soares (?)
1765	Domingos Fernandes	Santuário do Bom Jesus. Chafariz. Projecto de André Soares (?)
1766	Luís Costa	Santuário de Porto de Ave.
1767	Marcos Real	Santuário de Porto de Ave.
1769-1776	Domingos Fernandes	Santuário do Bom Jesus.
1772	José de Castro	Residência de Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima.
1787	António Ermida	Residência paroquial de Longos, Guimarães.
1795	António Ermida	Capela-mor da igreja de Selho, Guimarães.

3. 2. Os artistas da arquitetura no tempo longo: apuramento de dados, conclusões e pistas de trabalho

Da análise da actividade dos artistas do ofício da arquitectura, levantámos as seguintes questões:

Como se movimentam

Como se formam

a) Que estilo imprimem à obra

Quem remata a obra:

- Arquitectos,
- Mestres-de-obra,
- Mestres pedreiros,
- Pedreiros,
- Carpinteiros.

Os autores das plantas

b) As Obras:

- Individuais,
- Em sociedade,
- As penalizações contratuais.

A vinda de mão-de-obra de fora;

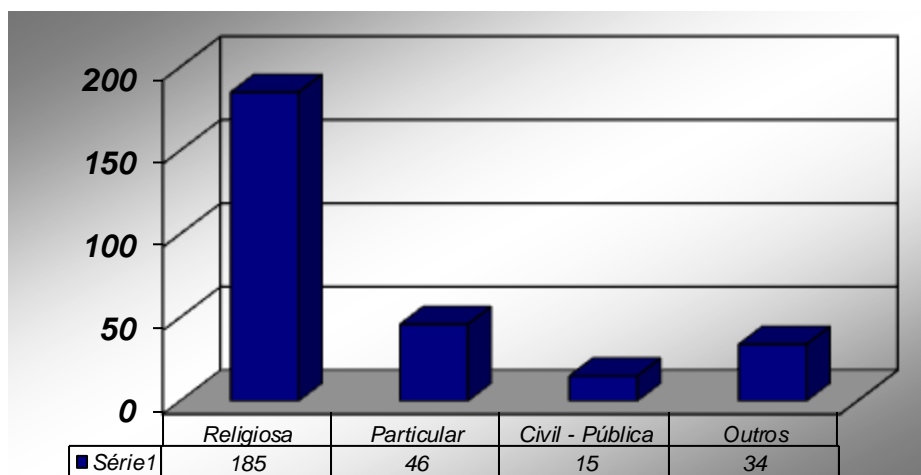
A vinda de projectos de fora;

O quotidiano dos artistas;

As questões técnicas.

Da avaliação das obras de arquitectura documentadas entre 1680-1800, registadas nas Actas Notariais de Braga, apurámos os seguintes dados:

280 Contratos no total, entre 1680 -1800

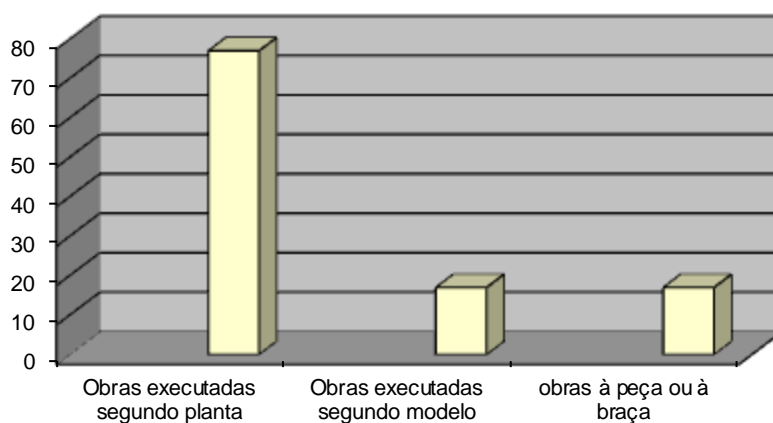


Avaliação das obras

Contratos – 1680 -1800

246 Contratos de obra

Descrição	Número
Obras executadas segundo planta	77
Obras executadas segundo um modelo pré-existente	17
Obras tratadas à peça ou à braça	17



31% das obras arrematadas seguiam planta.

7% das obras arrematadas seguiam modelo.

7% das obras eram executadas à peça ou à braça.

55% das obras seguiam apontamentos.

Obras e tipologia

Avaliação quantitativa

Obras que seguem planta

Descrição	Número
Igreja	13
Capelas	13
Capela-mor - sacristia	14
Fachada de igreja	7
Corpo de igreja	1
Torres de igreja	8
Obras em unidades monásticas	8
Casa Particular	6
Obras de carácter civil - público	3

A constatação da existência de planta prévia para orientar a empreitada esclarece que a obra de arquitectura seguia critérios de organização que padronizavam a prática arquitetónica dos grandes estaleiros.

As obras que subsistiram não expressam apenas a resposta a uma necessidade, mas também a exigências artísticas e estéticas – como tal procura-se o especialista que elabore o estudo preliminar do objecto a construir.

Existência de uma clientela que sabia recorrer aos especialistas e que entendia a projecção arquitectónica ao nível da ideação.

A definição de objectos moda – os modelos.

Esclarecimento do universo do artista enquanto agente de uma arte e veículo transmissor de uma cultura artística.

A aplicação deste método à análise formal do património artístico – na sua grande maioria anónimo e sem qualquer referencial cronológico – pode ser um aporte significativo para definir a massificação e assimilação das grandes vanguardas estéticas.

4. A arquitetura religiosa bracarense: obras e artistas dominantes

4.1. Marcos da arquitectura bracarense nos séculos XVI a XVIII

Artistas e obras

A corrente Maneirista

- Colégio dos Jesuítas, S. Paulo – 1567-1591;
- Igreja da Misericórdia – Manuel Luís – 1589;
- Igreja do convento do Pópulo – Fundação 1596;
- S. Victor – Miguel L'École – 1686.

A Caminho do Barroco

- Igreja de S. Vicente – **Domingos Moreira** – 1689;
- Fachada de S. Vicente – **Frei Luís de São José** – 1717;
- Ordem Terceira de S. Francisco – **Manuel Fernandes da Silva** – 1707;
- Fachada da Sé – **Manuel Fernandes da Silva** – 1723.

Barroco, Rococó

André Soares

- Fachada da Falperra – 1753;
- Fachada da igreja dos Congregados – 1761;
- Igreja de N^a Sr.^a da Agonia – 1761;
- Igreja dos Santos Passos – 1769;
- Igreja de N^a Sr.^a da Lapa – 1761.

Tardo Barroco e Neoclássico

Carlos Amarante

- Fachada da igreja do Pópulo – 1780;
- Igreja do Bom Jesus – 1784;
- Fachada Hospital de S. Marcos – 1787.

4.2. Casos particulares da arquitetura bracarense

A arquitectura religiosa na cidade de Braga e na sua área geográfica de influência apresenta características tipológicas singulares que nos propomos analisar.

- **As permanências** – corrente classicizante.
- **O decorativismo e complementaridades artísticas.**
- **Os Casos particulares.**

4.2.1. Plantas centradas

Concentração de um número elevado de edifícios que seguem a planta centralizada. Embora fosse corrente o uso dessa forma durante o século XVII português, como demonstrou Paulo Varela Gomes, em Braga constata-se uma expressiva concentração dessa tipologia de edifícios. Surgindo tardiamente, apenas em 1693 na Capela da Falperra, são variadas as formas que se encontram até ao terceiro quartel do século XVIII. S. Sebastião das Carvalheiras, Guadalupe, Bom Jesus do Monte, Bom Jesus de Barcelos, Santo Ovídio de Caldelas, Nossa Senhora da Lapa, em Arcos de Valdevez, são alguns desses exemplares.

Falperra – 1693

Bom Jesus – Barcelos – 1703

Capela do Paço Episcopal – 1708

S. Sebastião das Carvalheiras – 1715

Nossa Senhora de Guadalupe – 1718

Santa Quitéria – Felgueiras - 1721

Bom Jesus – Braga – 1723

Santo Ovídio – Caldelas – 1735

Capela de N^a Sr.^a da Lapa – Arcos de Valdevez – 1760

Capela de N^a Sr.^a da Lapa – Braga – posterior a 1760

4.2.2. Torres sineiras traseiras.

Localização das torres sineiras. Partindo do foco de Braga constitui uma novidade formal que alastra a várias zonas da Arquidiocese. Em Braga testemunhamos o primeiro exemplar na igreja do Pópulo, de início do século XVII, seguindo-se S. Victor, S. Vicente, Nossa Senhora a Branca, a igreja dos Terceiros de S. Francisco, entre outras.

É um fenómeno que se prolonga na arquidiocese por todo o século XVIII e XIX. Embora na cidade do Porto se localize a monumental torre traseira no complexo dos Clérigos, essa “moda” impõe-se como timbre artístico da cidade dos arcebispos desde tempos mais recuados.

4.2.2.1 As torres sineiras nas Constituições Sinodais

Porto

“Os sinos e campanário, ou torre são também requisito necessário pera perfeição dos Templos, por tanto os deve aver em todas as Igrejas, e na nossa Sè Cathedral serão sete, ou ao menos sinco, e na collegiada ao menos três de differente grandeza, e som, de que resulte boa consonância, pera elles se fazerem sinais diversos, segundo a diversidade dos officios Divinos; e nas outras Igrejas Parochiais dos lugares grandes poderá aver também os ditos três sinos, e necessariamente averá ao menos dous, excepto se forem tão pobres, que os não possam ter, porque neste caso se permitirá, que haja somente hum, que bem possa ser ouvido em toda, ou na maior parte da freguesia (...)

E nas igrejas em que ouver possibilidade, se porão os sinos em torre quadrada, que se edificara junto, ou contigua à igreja, à mão direita dos que entrão pela porta principal, e nas que a não ouver, se porão na mesma parte em campanários sobre a parede da Igreja”

(*Constituições Sinodais do Porto*, 1690, p.368).

Braga

“Ordenamos, e mandamos que cada huma das Igrejas, em que se ouverem de ministrar os Santos Sacramentos, seja tão capaz, que caibão nella commodamente todos os freguezes que ouver, e que seja bem emmadeirada, telhada, forrada, e guarnecida por dentro e tambem por fora, senão for de pedraria, e muito chãa, e igual, sem altibaxos, e com luz bastante. (...) terá camapanario, e sino, e adro demarcado, e cerrado, em que não possam entrar os animais.”

(*Constituições Sinodais de Braga*, 1697, pp. 320-321)

Relativamente aos sinos, as Constituições Sinodais de Braga, esclarecem que o sino não se podia tocar em ermidas sem licença (P. 179) estando também o seu toque interdito para anunciar a morte de algum freguês aos Domingos e dias Santos “senão depois do meio dia dado” (pp. 298-299).

Torres sineiras documentadas em Braga

DATA	EDIFÍCIO	ARTISTA	LOCALIZAÇÃO DAS TORRES
1721	Torre do Colégio de S. Paulo	António Oliveira	Isolada
1723	Torre da igreja dos Terceiros de S. Francisco	Domingos Gonçalves Saganho	Traseira
1723	Sé Catedral	Manuel Fernandes da Silva	Duas torres na fachada
1735	Igreja de Santa Cruz	Carlos Leone	Duas torres na fachada
1738	Convento do Salvador	António Oliveira; Domingos Gonçalves	Interior
1742	Igreja de S. Vicente	José Ribeiro Lago	Traseira
1743	Igreja de N ^a Sr ^a a Branca	José Ribeiro Lago; João Costa	Reforço da zona posterior da igreja – capela-mor e sacristia. Construção da torre traseira?
1795	Igreja de S. Pedro de Maximinos	José Luís Pereira	Traseira
1800	Igreja de S. Tiago de Priscos	José de Sousa	Lateral

Fonte: ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – Arquitectura Civil..

Extravasando a cidade de Braga, e tendo em conta uma apertada análise documental, constou-se, para os séculos XVII e XVIII, na área de influência da Arquidiocese de Braga, os seguintes indicadores (Ver Apêndice 1 e 2):

- a) A construção de torres sineiras é um fenómeno relevante da arquitectura religiosa.
- b) Na construção dessas estruturas estavam envolvidos os melhores técnicos, tanto ao nível da execução como do risco.
- c) Os encomendantes mais proeminentes são as confrarias e os fregueses.
- d) Tipologicamente encontraram-se fachadas enquadradas por duas torres, uma torre lateral; uma torre única no eixo da fachada; torres sineiras traseiras; torres sineiras isentas.
- e) A função da torre sineira no contexto comunitário, fornece algumas pistas para esclarecimento do fenómeno.
- f) As torres sineiras traseiras impõem-se como característica artística da arquitectura religiosa no Minho e Alto Minho, entre os séculos XVI e XIX.

4.3. Considerações acerca das plantas centradas e das torres sineiras traseiras

Como justificativo da análise deste fenómeno utilizámos dois documentos:

O Tratado de Serlio e o Tratado de São Carlos Borromeu.

Sebastião Serlio:

1 – Quanto à forma da igreja:

- Apresenta exemplos, modelos e proporções de plantas centradas, longitudinais e em cruz latina.

2 – Quanto às torres sineiras:

- A maior parte dos modelos de planta centrada não apresentam torre;
- Nos edifícios longitudinais, apresenta fachadas com e sem torres;

- Nos modelos com torres, prevê sempre a sua utilização aos pares.

São Carlos Borromeu determina:

1 – Quanto à forma da igreja:

- A construção de uma igreja obriga à intervenção de um arquitecto;
- O artista devia observar o sítio e a dimensão do templo;
- Quanto à planta recomenda o uso da cruz latina, como as basílicas romanas;
- Admite as igrejas de planta centrada de acordo com a sugestão do arquitecto;
- A igreja podia ter entre uma e cinco naves construídas debaixo de um esquema de proporções, com duas capelas, para além da capela-mor;
- Submete à participação do arquitecto a resolução de problemas técnicos como os da iluminação.

2 – Quanto às torres sineiras:

- A torre deve constituir uma estrutura autónoma da igreja;
- Deve ter planta quadrada ou outra sugerida pelo arquitecto;
- O remate deve ser circular ou piramidal.

5. Conclusão

1 - Para se compreender cabalmente a arquitectura Portuguesa da Época Moderna deve atender-se à permanência de correntes classicizantes (consideradas pejorativamente como retrógradas). Artistas. Clientelas. Circulação das formas (Modas – Cultura artística no Mundo Português).

2 – Em Braga devem considerar-se as vanguardas espaciais detectáveis em ensaios centralizados, bem como as tipologias e formas que exprimem regionalismos dentro da mesma cultura artística.

3 – Deve considerar-se dois níveis de abordagem da cultura artística:

- Influência directa pela via da internacionalização – Tratadística e artistas.

- A definição de uma cultura artística endógena / classicizante, produzida igualmente por riscadores e arquitectos como resposta a uma encomenda marcada por imperativos religiosos.

4 – Para a definição da cultura arquitectónica religiosa portuguesa no período em análise, as palavras, dadas à estampa no ano de 1733, de Ignacio da Piedade Vasconcelos merecem alguma reflexão:

“Outras igrejas há com diversidade nas suas plantas, humas se fazem pentagonais, que são de cinco lados, outras sextavadas que são de seis lados, outras oitavadas, fazendo oito lados; mas nestas formas de capellas sempre devem ser feitas à face; porque de qualquer parte do corpo (que he todo o vão) se podem ver todos os altares para ouvir missa, sem as pessoas que a ouvirem lhe ser necessário sahirem do lugar em que estiverem”. (Ignacio da Piedade de Vasconcellos – *Artefactos Symetriacos e Geométricos...*, pp. 390-391)

APÊNDICE 1 – DADOS DOCUMENTAIS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE TORRES SINEIRAS NO MINHO E ALTO MINHO

DATA	LOCAL	OBRA	ARTISTA	ENCOMENDANTE
1652, 13 de Maio	Ponte da Barca	Obra da torre do alçado sul da igreja Matriz, destinada a receber o relógio e os sinos.	Amaro Francisco Mestre-de-obras de pedraria	Câmara
1683, 2 de Setembro	Arcos de Valdevez	Obra da igreja Matriz de Arcos de Valdevez. Incluía ainda o frontispício, pia baptismal, torre sineira e relógio.	Domingos Afonso, Jerónimo Afonso, Filipe Afonso Domingos de Carvalho Mestres pedreiros	Abade da Igreja Matriz dos Arcos de Valdevez
1690 – 1693	Viana do Castelo	Obra da torre da confraria do Espírito	Domingos Gonçalves do	Confraria do Espírito Santo da Igreja

DATA	LOCAL	OBRA	ARTISTA	ENCOMENDANTE
		Santo da Matriz.	Rego Mestre arquitecto João Afonso Mestre pedreiro Domingos Enes Mestre de alvenaria	Matriz
1695	Viana do Castelo	Obra do coruchéu da torre da confraria do Espírito Santo da Matriz.	Ambrósio de Matos, André Ferreira, Lucas Rodrigues Pedreiros	Confraria do Espírito Santo da Igreja Matriz
1724	Arcos de Valdevez	Construção da nova torre da igreja do Espírito Santo.	Manuel Luís Mestre pedreiro	Confraria do Espírito Santo
1726	Arcos de Valdevez	Zimbório e remate da torre da igreja do Espírito Santo.	Domingos Martins e António Ribeiro Mestres pedreiros Faullais Mestre	Confraria do Espírito Santo
1727	Arcos de Valdevez	Conclusão e vistoria da obra da torre da igreja do Espírito Santo.	Francisco Lourenço Eiras Mestre arquitecto	Confraria do Espírito Santo
1733, 25 de Janeiro	Ponte da Barca, Freguesia de São Miguel de Entre Ambos Rios	Construção de uma capela e torre.		Arcebispo da Baía D.Luís Alvares de Figueiredo
1746, 23 de Agosto	Viana do Castelo	Obra do novo o coruchéu da torre da confraria do Espírito Santo da Matriz.	Manuel Pinto Vilas Lobos Sargento-mor, engenheiro (autor da planta) Bento Lourenço Mestre pedreiro	Confraria do Espírito Santo da Igreja Matriz
1746, 22 de Setembro	Viana do Castelo	Escritura de quitação de sociedade. Referência à obra da torre da extinta igreja de Monserrate.	Manuel Oliveira António Lopes Trindade Mestres pedreiros	
1777, 6 de	Arcos de	Obra da torre da	Francisco	Confraria de Nossa

DATA	LOCAL	OBRA	ARTISTA	ENCOMENDANTE
Novembro	Valdevez, freguesia de São Cosme	igreja da freguesia de São Cosme.	Bento Bento Fontam, Manuel Fernandes Mestres pedreiros	Senhora do Rosário
1779, 16 de Agosto	Viana do Castelo, freguesia da Areosa	Execução da torre da igreja.	João Pereira Barreto Mestre pedreiro Geraldes Fernandes da Sobreira e Miguel José Afonso – autores da planta Mestres Pedreiros	Fregueses
1790, 6 de Agosto	Arcos de Valdevez, freguesia do Couto	Obra da torre da igreja da freguesia.	Domingos Fernandes Mestre pedreiro	Confraria do Santíssimo Sacramento e Santo António
1797, 3 de Novembro	Ponte da Barca, freguesia de Lavradas	Obra da torre da igreja da freguesia.	Santos José Rodrigues Mestre pedreiro	Confraria do Senhor
1822, 4 de Março	Arcos de Valdevez, freguesia de Oliveira	Obra da torre da igreja da freguesia.	José António Condeça Mestre pedreiro	Confraria do Senhor
1822, 14 de Junho	Arcos freguesia de Loureda	Obra da torre junto à igreja.	Domingos Barreira Mestre pedreiro	Confraria de Nossa Senhora da Piedade
1824, 31 de Outubro	Ponte da Barca	Obra da torre da igreja da Misericórdia.	João Manuel Cabral Mestre pedreiro	Misericórdia
1825, 11 de Outubro	Arcos de Valdevez, freguesia de Aboim	Obra da torre da igreja.	Joze Magdaleno Pedreiro	Homens Bons

Fonte: CARDONA, Paula Cristina Machado, A Actividade Mecenática das Confrarias nas Matrizes do Vale do Lima nos Séculos XVII a XIX. 2004. Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Tese de doutoramento policopiada], Vol. I, pp. 105-106 e Vol. III, pp. 156 – 528

DATA	LOCAL	OBRA	ARTISTA	ENCOMENDANTE
1717 – 4 de Outubro	Igreja de Felgueiras – Caminha	Construção de nova igreja incluindo torre sineira.	Baltazar Domingues e Pedro Alves – Mestres pedreiros	Governador da Ínsua de Caminha e o Comendador do Mosteiro de S. João de Agra
1720 – 2 de Outubro	Mujães – Igreja Nova - Viana do Castelo	Ampliação da igreja. “por o campanario assima”.	Miguel Fernandes – Mestre pedreiro	Naturais da freguesia a residir no Brasil
1726 – 22 de Dezembro	Igreja de Britelo – Ponte da Barca	Reconstrução da igreja incluindo torre sineira Reconstrução da igreja seguindo o modelo da igreja de S. Miguel de Rios. Incluía a torre sineira.	Francisco Gonçalves e Pedro Gonçalves – mestres pedreiros galegos	
1746- 17 de Julho	Igreja de N ^a Sr ^a da Guia – Ponte de Lima	Obras de arquitectura várias na igreja e Casa do Despacho. O campanário foi mudado “para baixo junto ao cunhal da mesma casa”.	Bernardo Baptista Nunes – Mestre pedreiro	Confraria de Nossa Senhora da Guia
1755 – 14 de Setembro	Igreja paroquial do Carreço - Viana	Construção de torre juntamente com o arranjo da fachada.	António Lombo – Mestre pedreiro	Fregueses
1766 – 15 de Agosto	Igreja de Vila de Punhe	Em obras a igreja é assumido um acrescento ao projecto inicial de construção de torre sineira.	João Pereira Barreto – Mestre pedreiro	Fregueses
1768- 6 de Junho	Igreja de S. Julião do Freixo – Ponte de Lima	Construção da torre sineira da igreja.	Domingos de Carvalho e José Fernandes Luís – Mestres pedreiros	Confraria do Santíssimo Sacramento
1771 – 5 de Maio	Igreja de Candemil – V.N. Cerveira	Construção do corpo da igreja e torre.	Domingos Gonçalves Bicho – Mestre pedreiro	Moradores da freguesia
1772 – 11 de Setembro	Igreja de Venade – Caminha	Construção de torre com “capacete”.	-	Pároco e fregueses
1772 – 12 de Setembro	Igreja do Espírito Santo – P.	Construção da torre.	António Cunha – Mestre	Irmandade do Espírito Santo

DATA	LOCAL	OBRA	ARTISTA	ENCOMENDANTE
	Coura		pedreiro	
1772- 8 de Dezembro	Igreja de Anha – Igreja nova - Viana	A igreja seria construída no prazo de um ano. A torre no segundo ano.	António Gomes de Sousa – Mestre pedreiro	Fregueses
1774 – 2 de Abril	Igreja de Cossourado – P. De Coura	Construção de fachada e torre.	Joaquim da Cunha – Mestre pedreiro	Moradores da freguesia
1775- 28 de Junho	Igreja de Nossa Sr ^a da Expectação – Ponte de Lima	Construção de torre sineira “em cima da torre de S. Paulo”.	João Lourenço – Mestre pedreiro	Irmandade de N. S da Expectação
1777 – 6 de Novembro	Igreja de S. Cosme – Arcos de Valdevez	Construção de torre sineira.	Francisco Bento – Mestre pedreiro	Confraria de Nossa Senhora do Rosário
1779- 19 de Agosto	Igreja de Areosa - Viana	Construção da torre da igreja na fachada.	João Pereira Barreto – Mestre pedreiro	Fregueses
1780- 2 de Dezembro	Igreja de Vitorino de Piães – Ponte de Lima	Construção da torre da igreja – “da freguesia”.	Manuel Rodrigues e Paulo Rodrigues – Mestres pedreiros	Fregueses
1790 – 6 de Agosto	Igreja do Couto – Arcos de Valdevez	Construção de torre sineira.	Domingos Fernandes – Mestre pedreiro	Confraria do Santíssimo sacramento e Confraria de Santo António
1794-15 de Março	Igreja da Labruja – Ponte de Lima	Construção da torre da igreja.	Manuel José de Sousa – Mestre pedreiro	Fregueses
1797 – 20 de Janeiro	Igreja de Santa Leocádia - Viana	Reconstrução da fachada e construção de torre.	João Pereira Barreto – Mestre pedreiro	Fregueses
1797 – 23 de Agosto	Igreja de Gondoriz – Arcos de Valdevez	Aproveitamento da torre sineira pré-existente, enquanto a nave e fachada eram renovadas.	Domingos José Lamela – Mestre pedreiro	Confraria do Senhor
1797 – 25 de Outubro	Igreja de Castelo de Neiva – Viana	Construção de torre junto da igreja.	António José Marinho e Cipriano António – Mestres pedreiros	Fregueses
1797- 3 de Novembro	Igreja de Lavradas – Ponte da Barca	Construção de um “torriam” na igreja.	José Rodrigues dos Santos – Mestre pedreiro	Confraria do Senhor
1802 – 10 de	Igreja de	Construção de torre	Mnauel	Confraria do

DATA	LOCAL	OBRA	ARTISTA	ENCOMENDANTE
Janeiro	Deocriste – Viana	junto da igreja.	Gonçalves Ribeiro – Mestre pedreiro	Santíssimo Sacramento
1803- 24 de Abril	Igreja de Santo – António – Arcozelo – Ponte de Lima	Construção de torre sineira traseira.	?	Confraria de Santo António
1818 – 8 de Junho	Igreja da Ribeira – Ponte de Lima	Construção de torre sineira.	Joaão António Rodrigues – Mestre pedreiro	Confraria do Subsino
1825 – 11 de Outubro	Igreja de Aboim – Arcos de Valdevez	Construção de torre sineira.	José Madaleno – Pedreiro galego	Confraria de Nossa Senhora

Fonte: MOREIRA, Manuel António Fernandes – O Barroco no Alto-Minho....pp.
 177-464

APÊNDICE 2 – EVOLUÇÃO TIPOLÓGICA DOS REMATES DAS TORRES SINEIRAS (DADOS FACTUAIS/Cronológicos)



S. Domingos de Amarante – 1692



S. Domingos – V. Castelo – 1707



Bom Jesus de Fão – Esposende – 1710



Rio Mau – Vila Verde – 1719



Sé – Braga – 1723



Terceiros, S. Francisco – Braga – 1723



Esp. Santo – Arcos de Valdevez – 1725



Matriz – P. da Barca – 1728



Stº Cruz – Braga – 1735



S. Vicente – Braga – 1742



Matriz – P. Varzim – 1742



Lapa – Arcos de Valdevez – 1762



Congregados – Braga – 1762



S. Marcos – Braga – 1787



Maximinos – Braga – 1795



Stº António – P. Lima – Séc. XIX

BIBLIOGRAFIA

A.D. B. - Ms. 1054 – Diário Bracarense das Épocas, Fastos, e annaes mais Remarcáveis e Successos dignos de mençam, que succedem em Braga, Lisboa e mais partes de Portugal e Cortes da Europa (...) por Manoel Joze da Silva Thadim, ano de 1764

A.D.B. – Ms. 1059 – Memórias de Braga Escriptas e Illustradas por João Baptista Vieira Gomes

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Barcelos*. Lisboa: Editorial Presença, 1990

BARREIROS, Pe. Manuel d'Aguiar – *A Catedral de Santa Maria de Braga – Estudos Críticos Archeologico-Artísticos*. Braga: Sólivros Portugal, 1989

BAZIN, Germain – Reflexions Sur L'Origine et L'Évolution du Baroque Dans le Nord du Portugal. In *Belas Artes – Revista da Academia Nacional de Belas Artes*. 2ª Série, n. 2. Lisboa, 1950, pp. 3-15

BORROMEO, Carlos – *Instrucciones de la Fábrica y del Ajuar Eclesiásticos*. México: Imprenta Universitaria, 1985

BRAGA E A SUA CATEDRAL – Caderno Informativo. Braga: Cabido da Sé Catedral e da Comissão organizadora do Projecto Educativo da Dedicção da Sé Catedral, 1990

BRAGA, Alberto Vieira – *As vozes dos sinos na interpretação popular e industria sineira em Guimarães*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1936

BRANDÃO, D. de Pinho – A Igreja Matriz da Póvoa de Varzim – Duas Nótulas. In *Boletim Cultural da Póvoa de Varzim*, Vol. V, n. 1, 1966

CARDONA, Paula Cristina Machado, *A Actividade Mecenática das Confrarias nas Matrizes do Vale do Lima nos Séculos XVII a XIX*. 2004. Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Tese de doutoramento policopiada], Vols. I e III

CONSTITVIÇÔENS SINODAIS do Arcbisopado de Braga ordenadas pelo Illustrissimo Senhor Arcebispo D. Sebastião Mato Senhor. No anno de 1639 e mandadas exprimir a primeira vez pelo Illustríssimo Senhor D. João de Sousa, Lisboa: Oficina Miguel Deslandes, 1697

CONSTITVIÇÔES SYNODAES do Bispado do Porto Novamente Feitas e ordenadas Pelo Illustrissimo e Reverendíssimo Senhor Dom Joam de Sousa. Coimbra: Joseph Ferreyra Impressor, 1690

COSTA, Luís – *A Igreja Paroquial de São Vicente*. Braga: APPACDM, 1991

COSTA, Luís – *Braga Roteiro Monumental e Histórico do Centro Cívico*. Braga: Câmara Municipal de Braga, 1985

COSTA, P. Avelino de Jesus da – *D. Diogo de Sousa Novo Fundador de Braga e grande Mecenas da Cultura*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1993

CUNHA, Dom Rodrigo da – *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*. Reprodução Fac-similada com nota de Apresentação de José Marques. Vols. I e II. Braga: S/Ed. 1989

DIAS, Pedro – *História da Arte em Portugal – O manuelino*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986

DIAS, Pedro – *A Viagem das Formas*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995

DICIONÁRIO DA ARTE BARROCA EM PORTUGAL. Direcção José Fernandes Pereira. Lisboa: Editorial Presença, 1989

FERREIRA, J. Augusto (Monsenhor) – *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III- Séc.XX)*. Tomos II e III. Braga: Mitra Bracarense, 1931-1932

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Ensaio sobre a arquitectura barroca e neoclássica a norte da bacia do Douro. In *Ciências e Técnicas do Património – Revista da Faculdade de Letras*, I Série. Vol. IV, Porto, 2005, pp. 135-153

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Pascoal Fernandes, mestre pedreiro de arquitectura. Alguns elementos para o estudo da sua actividade. In *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, Vol. II/2. Braga, 1990, pp 395-404

GOMES, Paulo Varela – *A Cultura Arquitectónica e Artística em Portugal no Séc. XVIII*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988

GOMES, Paulo Varela – *A Cultura Arquitectónica e Artística em Portugal no Séc. XVIII*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988

GOMES, Paulo Varela – *Arquitectura, Religião e Política em Portugal no Século XVII*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2001

GOMES, Paulo Varela – *Arquitectura, Religião e Política em Portugal no Século XVII. A Planta Centralizada*. Porto: FAUP, 2001

HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL – Do Barroco ao Rococó. Direcção Nelson Correia Borges. Lisboa: Alfa, 1993

HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL – O Limiar do Barroco. Direcção Carlos Moura. Lisboa: Alfa, 1993

HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL – O Maneirismo. Direcção Vítor Serrão. Lisboa: Alfa, 1993

HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA. Direcção de Paulo Pereira. Vol. III. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995

J.C.M.A. – *Regras das Cinco Ordens de arquitectura segundo os princípios de Vignola com hum ensaio sobre as mesmas ordens feito sobre o sentimento dos mais celebres Architectos*. 3ª edição. Lisboa: Typographia de José Baptista Miranda, 1851

KUBLER, George – *A arquitectura Portuguesa Chã – Entre as especiarias e os Diamantes 1521-1706*. Lisboa: Veja, 1988

MANDROUX-FRANÇA, Marie Thérèse -Information artistique et mass-media au XVIII siècle la difusion de l'ornement gravé rococo au Portugal. In *Bracara Augusta*, Vol.XXVII, n. 64. Braga, 1973, pp. 412-445 (Actas do Congresso A Arte em Portugal no Séc. XVIII)

MASSARA, Mónica F. – *Santuário do Bom Jesus do Monte – Fenómeno Tardo-Barroco em Portugal*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988

MOREIRA, Manuel António Fernandes – *O Barroco no Alto-Minho*. Viana do Castelo: CER. 2006

OLIVEIRA, Aurélio de – *Artista Italiano no Barroco Bracarense – O Pintor Carlos António Leoni*. In *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, Vol. XIII. Porto, 1996, pp.365-385

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – “Brasileiros” e bracarenses na construção da arte do século XVIII bracarense e “brasileira”. In *III Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte (A Arte no Espaço Atlântico do Império Português)*. Coordenação José Alberto Machado. Évora: Comissão Organizadora/Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 1997, pp. 129-149.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *A Paróquia de São José de São Lázaro (1747-1997)*. Braga: Paróquia de São José de SãoLázaro, 1997

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Braga Percursos e Memórias de granito e oiro*.
Porto: Campo das Letras, 1999

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Convento dos Congregados*. Braga: CIFOP-
Universidade do Minho, 1988

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos Bracarense – A Arcada da Lapa. A
Arquitectura*. Braga: Soares dos Reis Editor, 1982

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre o século XVII e XVIII no Minho.
História e Arte*. Braga: Edições APPACDM, 1996

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre o século XVIII em Braga*. Braga:
Edições APPACDM, 1993

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *O Edifício do Convento do Salvador. De
Mosteiro de Freiras ao Lar Conde de Agrolongo*. Braga: Lar Conde de
Agrolongo, 1994

OLIVEIRA, Eduardo Pires de; MOURA, Eduardo Souto; MESQUITA, João –
Braga Evolução da Estrutura Urbana. Braga: Câmara Municipal de Braga, 1982

PEIXOTO, Inácio José – *Braga e Portugal na Europa do Século XVIII*. Braga:
Arquivo Distrital de Braga/Universidade do Minho, 1992

PEREIRA, Ana Maria M. de Sousa – *A Capela de S. Geraldo da Sé de Braga*.
Braga: Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 2001

PEREIRA, Ana Maria Magalhães de Sousa – *Da Casa Grande da Rua dos
Pelames à Casa Nova da Rua de Dom Gualdim*. Braga: Edições APPACDM,
2000

ROBERT C: SMITH – *A Investigação na História da Arte*. Lisboa: Fundação
Calouste Gulbenkian, 2000

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - A adopção do Barroco nas igrejas Conventuais Femininas de Braga no Pontificado de D. Rodrigo de Moura Teles: Diálogos Artísticos. Comunicação apresentada no VIII Simpósio Hispano Português de História da Arte em 1996. Publicado na *Revista Poligrafia*, nºs. 8/9, 2000-2001

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – A Capela de Santa Madalena do Monte da Falperra, de Braga, à Luz da Documentação Notarial. In *Revista de Ciências Históricas*, Vol. V. Universidade Portucalense, 1990, pp.1 - 40

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - A Capela de Santo Ovídio de Caldelas - Um projecto vindo do Brasil. In *Revista MVSEU* do Circulo Dr. José Figueiredo, IV série, n. 3, 1995, pp.197-208

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - A Propósito de André Soares e do Rococó - Nótulas para a revisão de um processo. In *PORTVGALIA*, Nova Série, vol. XVII-XVIII, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996/1997, pp. 283-292

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - Altares e Invocações na Sé de Braga: a Formação de um espaço contra-reformista. In *Revista MVSEU* do Circulo Dr. José Figueiredo, IV série, n. 2, 1994, pp.37-53.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – Arquitectura Barroca de Braga e o Mecenato dos Arcebispos. In Portugal Brasil/ Brasil Portugal Duas Faces de Uma Realidade Artística, Comissário Científico Natália Marinho Ferreira-Alves. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000, pp. 106-123

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Arquitectura Civil e Religiosa de Braga nos séculos XVII e XVIII. Os Homens e as Obras*, col. Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, n. 2, Braga, 1994, 230 páginas

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - As Capelas de Santa Madalena do Monte da Falperra - Nova Abordagem, “Congresso Internacional de História de Arte”, Lisboa, Outubro de 1992, Publicado na Revista *HVMANISTICA E TEOLOGICA*, t. XVII, fasc. 1 e 2, Porto, 1996, pp. 165-187

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - Cerimónias Fúnebres de D. Gaspar de Bragança: doença, funeral, exéquias. In *Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*, II volume, Évora, 1994, pp.109-126

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - Dirigismo na produção da imaginária religiosa nos séculos XVI-XVIII: as Constituições Sinodais. In *Revista MVSEU* do Circulo Dr. José Figueiredo, IV série, n. 5, 1996, pp. 187-202

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Manuel Fernandes da Silva - Mestre e Arquitecto de Braga 1693-1751*, Porto, Col. Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, n. 4, 1996, 315 páginas

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - Obras no Convento de Santa Ana de Viana do Castelo (Séculos XVII-XVIII). I - Os Autores dos Projectos de Intervenção. In *In Memoriam de Carlos Alberto Ferreira de Almeida*, vol. II, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999, pp. 289-301

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - Pedreiros Galegos no Noroeste Português no século XVIII. In *Actas del VIII Simposio Hispano – Portugués de História del Arte*. Badajoz, 1995, pp. 143-155

RUÃO, Carlos – “O Eupalinos Moderno” – *Teoria e Prática da Arquitectura Religiosa em Portugal (1550-1640)*. 3 Vols. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006

RUÃO, Carlos – *Arquitectura Maneirista no Noroeste de Portugal – Italianismo e Flamenguismo*. Coimbra: Instituto de História da Arte da Universidade de Coimbra/ EN- Electricidade do Norte, 1996

SERLII, Sebastiani – *De Architectura Libri Quinqve*. Venetiis: Franciscum de Franciscis, 1569

SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal – O Barroco*. Lisboa Editorial Presença, 2003

SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal – O Maneirismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2002

SERRÃO, Vítor – *O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620)*. Lisboa: Editorial Presença, 2002

SMITH, Robert C. – A Sacristia do Tesouro da Sé Primacial. In *Bracara Augusta*, Vol. XXIV, n. 57-58(69-70), 1970

SMITH, Robert C. – *André Soares Arquitecto do Minho*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973

SMITH, Robert C. – *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Escultor Beneditino do Século XVIII*. Vols 1 e 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972

SOUSA, Fernando de – *Subsídios para a História Social do Arcebispado de Braga*. Braga: Livraria Braga da Cruz, 1976

TAPIÉ, Victor – *Barroco e Classicismo*. 2. Ed. Vols. I e II. Lisboa: Editorial Presença, 1988

VASCONCELLOS, Ignacio da Piedade – *Artefactos Symetriacos e Geométricos Advertidos e Descobertos pela Industriosa perfeição das Artes*. Lisboa Ocidental: Joseph Antonio Sylva, 1733

VIGNOLA, Jacome – *Regla de las Cinco ordenes de Architectura*. Tradução. Madrid: Acosta de Hidrocolomo, 1702. (Primeira Impressão em 1593)

VITERBO, Sousa – *Campanários em Portugal, S/l, S/d.*